

Geografias em deriva¹

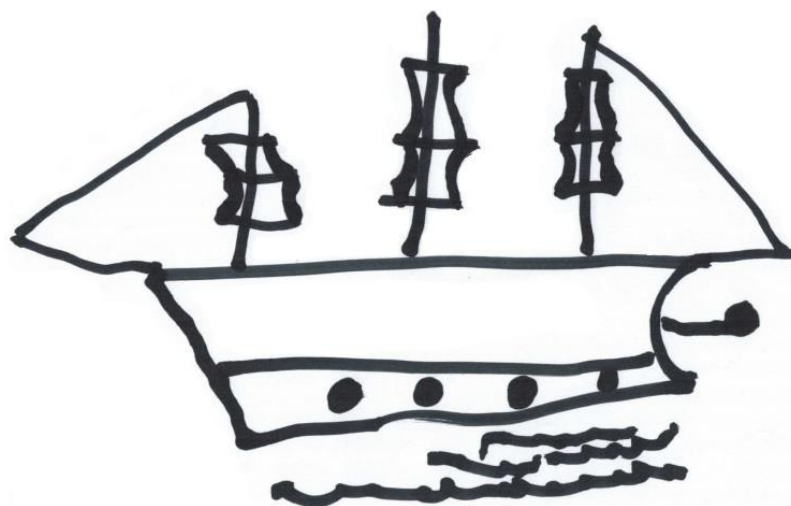
Camila Barbosa²

camilafernandes.b@gmail.com

Ana Maria Hoepers Preve³

anamariapreve@gmail.com

Figura 1 - Desenho criado por um dos internos do HCTP em oficina realizada em 2015



Fonte: arquivo pessoal

Caminhar e escrever é diferente de voar e ler. A lembrança me trouxe assim uma frase de Walter Benjamin, enquanto pensava em tudo que já havia vivenciado até aqui.

¹ Este trabalho é orientado pela Prof.^a Dr.^a Ana Maria Hoepers Preve (FAED/UDESC).

² Acadêmica do curso de Geografia (Licenciatura) na UDESC, bolsista do PIBID/Geografia, membro do Grupo Geografias de Experiência, do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Geografia/UDESC e da Rede Internacional “Imagens, Geografias e Educação”.

³ Professora adjunta no Curso de Geografia e no Programa de Pós-Graduação em Educação na linha de pesquisa Educação e Comunicação da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Novamente, ao ler o texto “E-ducando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre”, de Jan Masschelein, a frase voltou a me provocar. Assim, iniciei as atividades do ano de 2017, no Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis (HCTP), pensando sobre *caminhar e escrever*, sobre o contato com o mundo através de uma experiência que envolve, necessariamente, uma superfície, um chão, um território. No primeiro encontro, depois que assistimos ao filme *Andarilho*, de Cao Guimarães, fiquei pensando sobre o que nos passa pela mente quando experimentamos o que está no caminho enquanto o atravessamos. Diferente de voar e ler – em que sobrevoamos caminhos distantes de nós mesmos e que nos permitem imaginar e ir além do que é palpável –, quando caminhamos (e escrevemos), temos uma nova possibilidade de existir através do contato com outros elementos que participam da realidade concreta que nos cerca, pois caminhar e escrever é estar diante das forças que dão concretude a este mundo, o mundo material. Você pisa em um chão de terra, lajota, cimento, cerâmica, grama; em qualquer lugar onde esteja, há uma superfície que te sustenta e, por isso, age sobre você de alguma maneira. Uma paisagem sempre será percebida diferentemente entre os seres humanos, mesmo que alguns olhares se cruzem. Aos seus próprios olhos, cores vibram e formam uma mistura de elementos. Aos que não enxergam com os olhos, a visão é aberta de outra maneira; o tato, o olfato, o paladar e a audição são estimulados em outras proporções; e os que veem com os olhos são, muitas vezes, “cegados” pelo excesso de imagens neste mundo 24/7⁴, de maneira que nem sempre percebemos o que nos cerca: não dá tempo de... passou.

Chego para a segunda oficina com aquela frase de Benjamin ainda ressoando na cabeça. Preparei o plano de oficina no instante em que esta frase me provocava a pensar. Minha mente pulsava. Há experiências que nos marcam de tal forma que incorporamos a proposta dada e a desdobramos em nossa própria vida posteriormente. Esse foi um começo, sem planos futuros. Um dispositivo. Assim como o título que sustenta a atividade, não estava em jogo o fim como objetivo, um lugar que já se enxerga no momento mesmo em que se propõe a dar o primeiro passo no caminho. Não. As derivas se propõem a começar algum movimento. Não há planos certos quando se provoca o pensamento do outro. Pensar é então como derivar no caminho. O caminho é aquilo que te agonia, que te provoca e faz surgir algo novo dentro de você. Já a deriva é a experiência em si, o desvio do caminho, da rota do navio quando encontra um vento forte. Nesse sentido, o plano de oficina é como se fosse a vela do barco, pois é necessário algo sólido que possa sustentar a energia provocada quando se põe a

⁴ O termo “24/7” alude ao ritmo de vida moderno no qual estamos em função do sistema 24 horas por dia, 7 dias por semana.

navegar. E o que você propõe – no exercício da oficina – diz sobre o que você procura. Ali, naquele momento, eu procurava os movimentos possíveis dos “meninos” dentro daquele Hospital de Custódia. As grades e cubículos me abalaram de tal maneira que, muitas vezes, não conseguia ficar tranquila quando voltava para casa e lembrava que havia pessoas ali dentro, trancadas em espaços extremamente reduzidos quando comparados com os que tenho acesso. Constituído por grades, muros, portões de ferro, cadeados, corredores, vigilância, privação de movimentos... trata-se de um espaço normativo. E é preciso reconhecer a maneira como os elementos que constituem este espaço atrofiam as possibilidades de movimento de corpo e pensamento, mas também é preciso perceber que há movimento, por menor que seja, e que ele pode nos levar muito além, mesmo quando se está cercado por grades; que a deriva é possível ali onde só parece haver o caminho da norma.

A proposta deste texto é apresentar as derivas do trabalho realizado no HCTP com os internos através das práticas desenvolvidas nas oficinas. E, portanto, fazer a Geografia derivar.

Deriva I

Hoje foi um daqueles dias em que senti a felicidade de seguir, mesmo com as dores (físicas e emocionais), aquilo com que me comprometi: viver cada oficina aberta à experiência única que é este encontro. Não acordei me sentindo bem. Pensei em não ir para o HCTP. Por um momento, a cama parecia ser o melhor abrigo para mim... mas tenho estado com tanta energia de viver – tentando sair da minha zona de conforto – que bastou a voz da minha mãe ecoar, como um despertador de vida (ou de sonho) para eu me levantar: “Não deixa a dor tomar conta de você. Vai filha, levanta e vai! ”.

O tempo que ela está passando aqui em casa tem sido muito importante para mim. Levantei com a dor e a levei comigo. Já não me sinto bem quando arrumo desculpas para fugir dos meus compromissos. Tem momentos em que a fuga não mais aparece como abertura no caminho para outras possibilidades de existência, mas muito mais próxima do abismo que é encarar quem somos. Decidida a enfrentar, cada vez mais, todos os desafios que surgem em minha vida, levantei e fui. Na bagagem, levava muitos pesos necessários: computador, três estojos com materiais para escrever, papéis, caixa de som e o peso mais intenso de todos, a honestidade. Aquela que nos é necessária em todos os momentos da vida;

na alegria, na tristeza, na preguiça ou no mistério da existência: a honestidade é o chão que sustenta minhas ações e pensamentos; a todo momento ela testa nossos passos no caminhar de ser quem somos. É com essa mesma honestidade que estou, aqui e agora, rabiscando neste papel uma experiência. Cheguei muito atrasada, cerca de 50 minutos depois do horário que inicio as oficinas. Peguei o ônibus errado. Precisei voltar e corrigir o caminho. Ao chegar no HCTP, tinha que me virar com o tempo me restava e, no começo, um pouco atordoada em organizar os materiais, percebi que tudo o que eu precisava era respirar, recuperar o meu centro de força. Parei, respirei fundo, sentei no banco próximo de uma das mesas e pedi a eles que se aproximassem para podermos nos escutar. Como sempre, levei outros elementos para lá, na intenção de envolver todos que escolheram estar presentes comigo no encontro. A música foi o elemento de hoje para alguns movimentos. Coloquei a caixa de som perto daqueles que estavam afastados – porém com atenção e presença – e dei o “play” no computador que estava ao meu lado. É nesses momentos que a tecnologia se torna uma aliada forte da prática educativa; utilizar os recursos tecnológicos para contemplar o máximo de pessoas que conseguir é um exercício a se aprender constantemente.

Aos meninos que estavam mais atentos ao que eu falava, pedi sugestões de filmes para o novo projeto com cinema. Recentemente, a sala de vídeo do HCTP ficou pronta, e eles estavam ansiosos para poder usufruir deste espaço. Preciso da força de vontade deles para continuar. O desejo necessita ser compartilhado para ganhar consistência. Começamos juntos a oficina, pois, aqui, nunca fiz algo sozinha, é com eles – e também com a força de outras parceiras de caminhada – que consigo guiar os encontros. A lista de filmes cresceu rapidamente – desejos presos, confinados, afloraram naquele momento – e logo escutei outra voz. Era um dos meninos dizendo: “Tá bom, tá bom. Já tem filme pra caramba aí”. Neste momento, era eu quem estava sendo guiada. Tinha pouco tempo e já era hora de partir para a proposta de atividade do dia: continuar o exercício de descarregar, numa folha de papel, as palavras que pesam na bagagem da história de vida de cada um.

Deriva II

Caio⁵ foi chamado para falar com o advogado. Apressou o passo, mal sabia o que o esperava. Continuamos a oficina com os outros que estavam ali. Quase todos tinham escrito no papel a palavra que gostariam de esquecer, palavra que no momento não cabia naquele lugar que eles escolheram sonhar.

Volta e meia eu escutava o quanto é difícil viver no HCTP. Davi completa a sentença que viveu na pele durante quase 24 anos de reclusão em espaços prisionais: “*Nenhum dos lugares que eu passei todos esses anos foram piores do que este*”.

Começamos a rodada deste novo jogo – é muito bom quando a oficina se desenvolve na prática como um jogo, onde todos têm o seu momento de fala e também de escuta – com as palavras que cada um deixa aflorar. Eles não demoram a expressá-las. É como se cada um carregasse a palavra como um fardo na bagagem. Falar, escrever, soa igual como quando nos livramos do peso carregado ao parar de caminhar.

Deriva III

Eles são tão curiosos que, mal começo a falar, e já temos várias ideias elaboradas para realizar com os objetos que vemos diante de nós: papel metro na cor marrom e algumas canetas coloridas, dispostos numa mesa. Nesse momento temos diante de nós um possível começo. Apresento a eles o que pensei para este primeiro encontro: “A ideia que trago para vocês é a de pensarmos como podemos criar um lugar no qual gostaríamos de viver, habitar, morar”. Proponho começarmos este jogo⁶, de forma que todos participem. Aciono o grupo com uma proposta: “Vamos fazer uma brincadeira. Cada um vai ter a sua vez de traçar uma linha neste papel, com uma regra: começar o risco a partir do risco do jogador anterior. Quando eu bater palmas, passem a caneta para o próximo jogador. Vamos fazer isso juntos”. Eles toparam. Assim, começamos um jogo de invenções. Imaginávamos as linhas e elas surgiam a cada traço feito no papel, carregadas de afetos, desejos, presença e muita atenção consigo e com o outro. Fizemos duas rodadas nessa primeira proposta e, ao final, tínhamos

⁵ Este nome, assim como o de outros internos, foi inventado e não faz referência a sua identidade original, de maneira a cumprir ordem de sigilo de identificação dos internos do HCTP.

⁶ Este exercício é inspirado nas oficinas desenvolvidas no HCTP pela Prof. ^a Ana Maria H. Preve, presente em sua tese de doutorado *Mapas, prisões e fugas*.

uma imagem formada por linhas que se cruzavam e se fechavam, sem formar uma figura geométrica nítida: traços livres se interligavam e dividiam a folha marrom e lisa em espaços de tamanhos e cores diferentes; fragmentos do mesmo papel, cada um tinha sua particularidade. Começamos, a partir dali, a explorar uma outra parte do jogo.

Passaram-se duas rodadas e algumas formas começaram a aparecer no papel, sem compromisso de definir-se em uma função, colocando-nos diante de um espaço em construção. Assim, prosseguimos o jogo permitindo que formas livres de representação surgissem. Aos poucos, aparecem formas que não seguem a geometria, espaços brotam da tinta da caneta, inscrevem-se no papel, marcando-o, cruzam-se linhas.

Deriva IV

Agora, de uma outra maneira, já nos sentimos parte do jogo. Além de poder conduzi-lo, somos também conduzidos por ele. Habitamos o espaço construído naquela folha que, no início, era um “nada”. Mas, aqui no HCTP, “nada” já é alguma coisa. Recomeçar é um direito. Seguimos agora com outra proposta. Pergunto a eles: “O que necessitamos construir para habitar este espaço que criamos? O que ainda falta desenhar para que este espaço fique prazeroso para morar?”. Um dos internos pede licença para acrescentar algo que, para ele, parece ser fundamental. O traço atravessa de ponta a ponta do papel, e ele segue riscando outra linha, em paralelo. Nasceu um rio... o Rio dos Prazeres.

A nova rodada do jogo empolga a todos, os meninos agora estão livres para escolher o que colocar neste novo lugar; marcar no papel o que para eles, de alguma maneira, é significativo para habitar e conviver nesta nova realidade que – mesmo imaginária – começa a provocar-nos uma sensação de pertencimento. O sorriso no rosto e a curiosidade no olhar demonstra isso. Surgem, assim: o Restaurante Bom Gosto, Hospital HOP, Cemitério da Saudade, Clube da Amizade, Casa de Tratamento de Esgoto, o supermercado e a padaria.

Deriva V

O ponto de partida das oficinas era justamente quando abríamos aquela folha gigante e, ali, diante de nós, podíamos tocar em algo que construímos juntos. Neste dia, provoqueei-os a pensar sobre o que já havia sido feito até então. À nossa vista, via-se: um rio atravessando o papel de canto a canto – servindo como um divisor de espaços – e uma ponte ligando suas margens. De um lado, temos o Clube da Amizade, a Área Rural e a Casa do Baiano. Algumas árvores também aparecem. Do outro lado, mais preenchido – e também mais largo – temos: o lago, o Cemitério da Saudade, o Hospital HOP, a estação de tratamento, mercado, casas e prédios residenciais, e muitas, muitas árvores. Vejo flores em um dos cantos do papel – próximas às residências. Pergunto sobre como cada parte desses lugares está colocada. Porque tantas árvores lá no canto e poucas – e espaçadas – no outro? No primeiro, veem-se as casas próximas. O segundo parece um plano onde percorremos um espaço “vazio” de um lugar, para chegar a outro lugar. O rio liga estes dois cantos. Pronto. Surgiu ali, naquele contexto, um questionamento chave: de onde nascem os rios?

Peço a eles que peguem todos nas pontas do papel e, juntos, o movam em outras direções. Intervenho quando as árvores próximas às residências – em uma perspectiva 3D – estão no alto, enquanto as outras árvores – mais espaçadas – estão na parte mais próxima do chão. Este deslocamento provocou-me a pensar em como dizer aos meninos o que aprendo com as aulas de Geografia na universidade. Esta noção eu só comecei a ter quando fiz a disciplina de Geomorfologia I, no quarto semestre do curso. Os meninos compreenderam a explicação quando puderam visualizar a ideia do que é a lei da gravidade, a qual diz que (do ponto de vista prático), um objeto tende a cair ao chão quando solto de qualquer parte, pois a massa Terra exerce uma força de atração sobre a massa dos objetos, conferindo a eles força “peso”. Assim, pude explicar o que acontecia com os rios: soltei uma caneta piloto um pouco acima do chão e ele caiu, obviamente. Mas não tão óbvia era uma explicação sobre este fenômeno. Tive ajuda de um dos meninos – físico formado, o nosso “cientista” – para retomar a explicação para aqueles que não haviam entendido de primeira. O rio agora não era mais o mesmo, ganhou até um nome: Rio dos Prazeres. Acho engraçado que as árvores continuam a ser, desde a infância, minha referência para os lugares.

Continuamos a oficina, e é neste segundo momento que me dou conta de como o que eles desenharam naquele papel se assemelha à uma vila... um vale. Sim, isso! Um vale! Fez todo o sentido, para mim, sugerir isso a eles. O rio como divisor de águas marcava o lugar que me remetia às montanhas. Expliquei isso a eles. Pusemo-nos a imaginar de novo. As oficinas são assim, movimentam-se enquanto estão sendo, nem antes, nem depois; muitas vezes o que acontece no momento do encontro é a glória pela qual se marca esta pesquisa de ensino em geografia.

Deriva VI

Passo os olhos atentamente na folha que outrora não tinha nada inscrito, nenhum rastro dos lugares que vejo hoje ao correr o olhar pelo papel. O tempo passou e, quando me dou conta, já é hora de terminar o encontro. Recolhemos os materiais enquanto conversamos sobre a atividade que estava sendo feita. Os meninos estão felizes, empolgados, radiantes. Foi a primeira vez que senti o elo que construí com eles durante todos esses encontros. É muito intenso o trabalho que desenvolvo ali. Nem sempre nossa troca é fácil de ser realizada. Enfrentamos, neste processo de se conhecer e conhecer o outro, vazios que nos fazem parar enquanto caminhamos. É nessas pausas que penso sobre o sentido de estar no HCTP, procuro um significado para um encontro entre vidas. Há muitas vidas marcadas naquele papel. De fato, é um mapa de muitos acontecimentos, como ouvi certa vez⁷.

Um mapa requer um título. Se é para dizer algo sobre alguma “coisa” é preciso – e imprescindível – saber do que se trata a tal “coisa”. É nesta ideia que me ancoro para consolidar algo que já estava ali, na nossa frente, preenchido de sentidos de vida, histórias e memórias de cada um dos meninos. Faltava alguma “coisa” para tornar realidade tudo isso que víamos, algo concreto em nossas existências. É nesse momento que paro para pensar sobre como nós costumamos delimitar espaços, marcar territórios, reconhecer e pertencer a lugares. É através de um nome. Um nome é a forma que encontramos para dizer que tal

⁷ Refiro-me à uma fala da psicóloga Eliamar Machado que atua no HCTP.

“coisa” é ela mesma. É por meio de um nome que chegamos a lugares ou reconhecemos pessoas. Assim como é também por meio de nomes que não chegamos a lugares ou pessoas, repelindo-os antes mesmo de conhecê-los. Comumente, isto acontece quando eu pergunto para qualquer pessoa se ela conhece o HCTP. Quase todas as vezes – para não ser exagerada, porque conto nos dedos as que não foram – precisei dizer o que significava cada letra daquela sigla: Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico de Florianópolis. Eu via caras de desespero, desentendimento, dúvida, descaso. O nome do hospital é um daqueles que repele as pessoas. Mas será que isso acontece por conta do nome ou das pessoas?

Volto para casa com estas inquietações. É hora de pensar na próxima oficina. Acho que já sei por onde começar.

Deriva VII

Não tem sido um mês fácil. O tempo não está ajudando. Quero ir para fora do espaço físico onde as oficinas geralmente são realizadas, o refeitório do hospital, mas a chuva não deixa. Tudo bem. Ainda posso considerar que está tudo bem! Mesmo com a caixinha de som quebrada. Hoje não vai ter música, aquela com melodia e ritmo. Vamos escutar o som oco das palavras. O eco delas dentro de nós.

Coloco na mesa três livros de poesia e temos, assim, três novos amigos para conversar: Manoel de Barros, Paulo Leminski e Arnaldo Antunes. Os exercícios de hoje são: escolher um poema que gostar; refletir sobre o que escolheu; compartilhar a leitura e reflexão com o grupo. Cerca de 30 minutos depois de ter passado o exercício, o Davi – muito empolgado – começa a nossa troca de palavras e interpretações: “Meu quintal é maior que o mundo”, foi como ele escolheu começar: pelo título que o livro carregava. Tem livro de poesia que é assim, o título já é digno de reflexão.

As derivas não terminam aqui, pois as oficinas continuam acontecendo, e os relatos destes viajantes outros continuam sendo escritos. Como disse no começo do texto, as derivas se propõem a começar algum movimento. Não há planos certos quando se provoca o pensamento do outro.

Referências

CRARY, Jonathan. **24/7 - Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MASSCHELEIN, Jan. E-ducando o Olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 35-48, jan./jun. 2008.

PREVE, Ana Maria Hoepers. Cartografias intensivas: notas para uma educação em geografia. **Revista Geografares**, Vitória, n. 12, p. 50-75, jul. 2012.